



EDITORIAL

“A memória é redundante”. Com essas palavras de Ítalo Calvino, trazidas pela semioticista Lucia Teixeira, em artigo que compõe este número dos *CASA - Cadernos de Semiótica Aplicada*, apresentamos os títulos publicados, oriundos, muitos deles, de apresentações no *Seminário de Semiótica “Ignacio Vive: 10 anos do Grupo CASA”*, realizado na UNESP, Câmpus de Araraquara, em setembro de 2010.

Uma comemoração traz, sempre, em seu bojo, a memória, eufórica ou não, que a motiva. Neste caso, o evento “Ignacio Vive” convocou os principais semioticistas brasileiros que trabalham com a linha francesa, de inspiração greimasiana. A comemoração que motivou o seminário foi o aniversário de 10 anos de fundação do Grupo de Pesquisa CASA-Cadernos de Semiótica Aplicada, e reuniu pesquisadores do sudeste do Brasil e representantes dos Grupos de Pesquisa de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, para um encontro em que se discutiram não apenas os avanços da teoria semiótica dos últimos anos, como também as atuais possibilidades de atuação de professores e alunos nas associações que reúnem grupos de pesquisa no Brasil. A memória, redundante ao longo do evento e, agora, convertida neste número temático dos *CASA*, leva-nos ao homenageado – o semioticista brasileiro Ignacio Assis Silva, mentor e fundador do Grupo CASA.

Em uma análise semiótica dos artigos reunidos, com certeza, seria possível verificar que a presença do homenageado recobre as mais variadas instâncias e categorias semióticas: apresenta-se o sujeito do fazer, o destinador, o actante que assume diferentes papéis temáticos, é semioticista, mestre, orientador, colega, amigo. Seu nome, nos títulos, em dedicatórias, em epígrafes, em citações no corpo dos artigos, é motivação e objeto de reflexão. O sujeito (re)composto tem uma existência semiótica que, se não se revela plena, inteira (sabemos, mesmo sem adjetivo, ela nunca o é), se mostra – os artigos testemunham – compreendida, lida, transmitida. Mas há a falta, a ausência, a ausência presente em cada enunciação. Fica a vontade de novas enunciações, de novos projetos, de novos encontros. A memória também nostálgica, uma certa opacidade.

O conjunto de artigos, submetido a este número, acaba por construir, desconstruir, reconstruir as contribuições do professor, em perspectiva de diferentes enunciadores. Assim, os leitores dos 14 trabalhos que integram o número encontrarão apresentações, discussões, operacionalizações de conceitos, objetos de estudo do homenageado, que, no entanto, foram e continuam a ser centrais no âmbito teórico da semiótica. A eles, juntam-se, em cada um dos artigos, as contribuições particulares dos articulistas, representantes que são do atual quadro de estudiosos da área no Brasil.

As ações do homenageado, no âmbito da semiótica no Brasil, inclusive as de cunho institucional, foram recuperadas, principalmente, no artigo de Maria Célia de Moraes Leonel, que mostra também como suas diferentes reflexões convergiam para o objetivo de construção de uma “teoria sobre a linguagem”, cujo método – também explorado em outros artigos – traça um insistente, tenso e rigoroso percurso que parte de linguagens poéticas em

direção ao despojamento de sentido, ao mínimo, ao figural, ao primordial. O touro-linha de Picasso. O pássaro de Brancusi.

Com base nas reflexões do homenageado, ou a partir delas, o conceito de metamorfose, o mito de Narciso e de Eco são importantes motes dos artigos; como se pode confirmar, principalmente, nos artigos de Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento, Francisco Elias Simão Merçon, Vera Lucia Rodella Abriata e Kary Alessandra Motta. Nestes trabalhos, pode-se acompanhar a construção do conceito de metamorfose; sua exploração, pelos articulistas, em análises de diferentes obras; e também o trajeto de definição do conceito de figuralidade, passando pela figuratividade e figurativização; estas duas, detidamente exploradas também por Iara Rosa Farias, que compõe um histórico de reflexões sobre o tema, tanto na função de acabamento do discurso quanto como resultado do ato perceptivo.

Estimulados que estão os semioticistas a apreenderem teoricamente os afetos, e movidos por eles na homenagem, o tratamento do sensível, nas relações com o inteligível, é também recorrente no conjunto dos artigos. Apontamos, em especial, o de Ana Claudia de Oliveira, que busca compreender os afetos a partir de outras noções: a estesia, a figuratividade, “a tela do parecer”, a percepção, o corpo.

Ainda em veios similares de investigação, que destacam o corpo sensível no momento da percepção, o artigo de Márcio Thamos busca traduzir a experiência poética a partir da percepção física da existência e, nela, a percepção física da palavra, a materialidade, o ressoo da substância que resiste na forma poética.

Reatualizando as palavras do homenageado – “a corajosa luta em fazer dialogarem Semiótica e Psicanálise” – e continuando a responder ao chamamento, o artigo de Waldir Bevidas e Tiago Ravello ocupa-se dos postulados epistemológicos de sua proposta e a desenvolve ao fazer reagirem, uns aos outros, os conceitos de paixão, pulsão, corpo e afeto.

Na continuidade da composição deste texto, em parte eco dos trabalhos coligidos, destacamos do artigo de Norma Discini, entre suas várias contribuições, o enfrentamento das interlocuções da semiótica com a fenomenologia e com as disputadas noções de gênero discursivo e estilo, consideradas necessárias no atual cenário das investigações sobre o discurso. A autora conceitua, em visada tensiva e em sua vizinhança genérica, o gênero memorial, a partir de análise de um memorial de Ignacio Assis Silva.

O artigo de Lucia Teixeira, por sua vez, acompanha o método que apreende do trabalho do homenageado, para quem o semioticista plástico, na construção de uma semiótica da pintura, deve procurar as relações subjacentes às figuras e não se basta com elas. É dessa maneira que a articulista aproxima duas pinturas abstratas e explora-lhes o ritmo plástico, a tonicidade da cor e a tensão entre palavra e pintura.

De Machado de Assis, Ovídio, Brancusi, Dali, Picasso, João Cabral de Melo Neto, Michaux, Drummond, recorrentes na obra do homenageado, outros universos foram também recortados pelos artigos, outros objetos, outros estudiosos, outras balizas. Diana Luz Pessoa de Barros, também em artigo, dedica ao “mestre e amigo” uma análise da práxis gestual e da comunicação gestual, que, com base em gestualidades tão diferentes como a da língua de sinais, a da fisioterapia, a da dança e a representada em pinturas, fotografias e publicidades, alcança formulações gerais, com uma economia primorosa, e igual rigor teórico.

Também na diversificação dos objetos da análise semiótica, Ana Cristina Fricke Matte e Daniervelin Renata Marques Pereira impõem-se o desafio de refletir sobre o fenômeno da educação à distância, pensado como prática pedagógica, sob um ponto de vista tensivo.

Completa o número temático o artigo de Julieta Haidar, que traz à reflexão o conceito de semiosfera, de I. Lotman, como categoria dialética e polissêmica e examina seus alcances e seus limites, suas fronteiras internas e externas, que possibilitam a análise de práticas semiótico-discursivas.

RENATA COELHO MARCHEZAN & UDE BALDAN
EDITORAS RESPONSÁVEIS PELA EDIÇÃO ESPECIAL